

AINDA HÁ ESPERANÇA? AS EXPECTATIVAS
FUTURAS DOS JOVENS DE GUARULHOS-SP
NO AUGE DA PANDEMIA DE COVID-19

*¿AÚN HAY ESPERANZA? LAS EXPECTATIVAS DE
FUTURO DE LOS JÓVENES EN GUARULHOS-SP
EN EL CENTRO DE LA PANDEMIA COVID-19*

*IS THERE STILL HOPE? THE FUTURE
EXPECTATIONS OF YOUNG PEOPLE
FROM GUARULHOS-SP AT THE PEAK
OF THE COVID-19 PANDEMIC*

*Daniel Arias VAZQUEZ**

*Heber Silveira ROCHA***

*Lígia Gonçalves DALL'OCCHO****

*Alexandre Barbosa PEREIRA*****

RESUMO: O artigo analisa as expectativas dos jovens quanto ao fim da pandemia de Covid-19 e à situação do Brasil pós-pandemia, verificando os fatores sociais, econômicos e de saúde que explicam o otimismo ou pessimismo em relação

* Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), SP, Brasil. Doutor em Desenvolvimento Econômico e Mestre em Economia Social e do Trabalho (UNICAMP), graduado em Administração Pública (UNESP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-3392>. Contato: dvazquez@unifesp.br.

** Professor Doutor do Curso de Gestão de Políticas Públicas Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. Doutor em Ciência Política (UNICAMP), Mestre em Administração Pública e Governo (FGV) e graduado em Gestão de Políticas Públicas (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9718-6849>. Contato: heber@usp.br.

*** Observatório de Políticas Públicas de Guarulhos, SP, Brasil. Mestra em Gestão de Políticas Públicas (USP), Doutoranda em Ciências Sociais (UNIFESP), graduada em Gestão Ambiental (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0291-2962>. Contato: ligia.ambiental@gmail.com.

**** Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), SP, Brasil. Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (USP), graduado em Ciências Sociais (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3977-1171>. Contato: abpereira@unifesp.br.

ao futuro. Utilizou-se dados obtidos pela aplicação de um *survey* – com 843 participantes, entre 15 e 29 anos, moradores de Guarulhos-SP – para a construção de dois modelos de regressão: logística binária e multinomial, com análises simples e multivariadas. Os resultados revelam que apenas 20% estavam otimistas em relação à pandemia e quanto ao futuro do país após a pandemia. O pessimismo foi maior entre os jovens maiores de idade, com renda familiar maior que três salários-mínimos e que apresentaram piora no estado emocional. A prática religiosa foi o único motivo para uma minoria manter o otimismo durante o auge da crise sanitária.

PALAVRAS-CHAVE: Expectativas futuras. Pessimismo. Juventude. Pandemia.

RESUMEN: *El artículo analiza las expectativas de los jóvenes sobre el fin de la pandemia de Covid-19 y la situación en Brasil pospandemia, verificando los factores sociales, económicos y sanitarios que explican el optimismo o el pesimismo sobre el futuro. Se utilizaron datos obtenidos de una encuesta – con 843 participantes, entre 15 y 29 años, residentes en Guarulhos-SP – para construir dos modelos de regresión: logístico binario y multinomial, con análisis simple y multivariado. Los resultados revelan que sólo el 20% se mostró optimista sobre la pandemia y el futuro del país después de la pandemia. El pesimismo fue mayor entre los jóvenes mayores de 18 años, con un ingreso familiar superior a tres salarios mínimos y que mostraron un empeoramiento en su estado emocional. La práctica religiosa fue el único motivo para que una minoría mantuviera el optimismo durante el peor momento de la crisis sanitaria.*

PALABRAS CLAVE: *Expectativas de futuro. Pesimismo. Juventud. Pandemia.*

ABSTRACT: *The article analyzes the youth expectations regarding the end of the Covid-19 pandemic and the post-pandemic situation in Brazil, verifying the social, economic and health factors allow to understand optimism or pessimism about the future. A database resulting from the application of a survey – with 843 participants, aged between 15 and 29, residents in Guarulhos-SP – was used to build two regression models: binary and multinomial logistics, with simple and multivariate analyses. The results reveal that only 20% were optimistic about the pandemic and the country's future after the pandemic. Pessimism was greater among young people over 18 years old, with family income greater than three minimum wages and who showed a worsening in their emotional state. Religious practice was the only reason for a minority to remain optimistic during the peak of the health crisis.*

KEYWORDS: *Future expectations. Pessimism. Youth. Pandemic.*

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020 declarou oficialmente emergência sanitária por conta da pandemia causada pelo coronavírus Sars-Cov-2, gerador da doença que foi denominada de covid-19. Segundo a OMS, mais de 750 milhões de pessoas foram infectadas em todo o mundo entre 2020 e 2023, sendo 37 milhões de casos no Brasil e em torno de 700 mil óbitos.

Apesar da maior gravidade da doença nas pessoas mais velhas, a pandemia provocou efeitos negativos sobre a saúde mental dos jovens (Vazquez *et al.*, 2022) e maior restrição das oportunidades de emprego e renda à juventude, dificultando ainda mais sua inserção ou consolidação no mercado de trabalho (Corseuil; Franca, 2022). Diante da profundidade das crises sanitária e econômica, quais as expectativas dos jovens em relação ao futuro? O que explica alguns manterem o otimismo, enquanto o pessimismo prevalece entre a maioria diante deste cenário bastante adverso?

O artigo analisa essas diferentes expectativas e busca identificar fatores sociais, econômicos e relacionados à saúde que estão associados ao pessimismo ou otimismo diante da pandemia e quanto ao futuro do país pós-pandemia, na visão dos jovens moradores do município de Guarulhos, no estado de São Paulo.

Para tanto, utilizou-se dados obtidos pelo *survey* “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”, realizado pelo Observatório Municipal de Direitos Humanos (2021), cuja coleta ocorreu entre os dias 29 de abril a 15 de maio de 2021, com a participação de 843 jovens entre 15 e 29 anos moradores do município de Guarulhos-SP. Trata-se do período imediatamente posterior ao auge da pandemia no Brasil, quando a média móvel dos últimos 7 dias variou entre 1900 e 2500 mortes por Covid-19 entre o primeiro e o último dia de coleta dos dados. Sobre o recorte espacial, Guarulhos-SP é o 12º município mais populoso do país e o segundo no estado de São Paulo, com 1.291.771 habitantes, conforme dados do último censo demográfico, ficando apenas atrás da capital paulista. Os jovens entre 15 e 29 anos representam 22,5% da população total, segundo dados do IBGE (2022).

A primeira variável dependente é derivada das expectativas dos jovens diante daquele momento da pandemia. A segunda é corresponde ao sentimento do jovem em relação a uma possível situação de pós-pandemia no Brasil. As categorias nos dois casos são otimista e pessimista, admitindo também a posição neutra em relação a situação geral do país. Buscou-se identificar fatores explicativos ou que pudessem estar associados às diferentes expectativas futuras dos jovens, agrupados em três dimensões: 1) marcadores sociais (gênero, cor/raça, idade e prática religiosa); 2) aspectos econômicos (renda familiar, contribuição financeira em casa; espaço adequado no domicílio); 3) situação de saúde (piora no estado emocional e se o

jovem foi infectado pelo vírus). Para simplificar os modelos, todas estas variáveis independentes são dicotômicas e serão mais bem descritas na seção metodológica do artigo.

A hipótese central é que o pessimismo prevalece de uma maneira geral em função da gravidade das crises econômica e sanitária, sendo proporcionalmente maior entre os jovens mais vulneráveis socialmente, com piores condições de renda e moradia e que tiveram sua saúde mental e física diretamente afetadas pela pandemia.

O artigo está dividido em quatro partes, além desta breve introdução. A primeira faz uma abordagem teórica sobre as expectativas dos jovens e seus fatores explicativos. A segunda parte demonstra a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados. Na terceira parte, serão apresentados os resultados deste estudo, destacando os fatores associados ao pessimismo – e, em menor grau, ao otimismo – em relação às expectativas futuras. A discussão dos resultados é realizada nas considerações finais.

1. Juventudes, engajamento e expectativas futuras

Primeiramente, deve-se ressaltar o termo juventudes, no plural, haja vista que essa experiência etária está condicionada a determinadas condições sociais e econômicas, como a classe social, a dimensão cultural e geográfica. Nesta etapa da vida, os valores e vivências assimilados no âmbito familiar são colocados à prova com novas experiências, vivenciadas no plano microssocial (vínculos associativos e religiosos, relacionamentos afetivos e relações de amizade) e no plano macrossocial, como os contextos políticos, econômicos e sociais em que os jovens estão inseridos.

Em segundo lugar, deve-se ter em mente a situação da juventude no cenário atual global, marcado (i) pela crise estrutural do capitalismo, que aumentou a instabilidade social, política e econômica, como a flexibilização trabalhista, afetando todos os grupos sociais, especialmente os mais jovens; (ii) pelo fenômeno do alargamento da escolarização das novas gerações, que se contradiz com as reduzidas possibilidades de inserção profissional e mobilidade social por meio da escola e trabalho; (iii) pela crise da democracia representativa no mundo, por meio da desconfiança da população de modo geral, e dos jovens em particular, em relação às instituições (Tomizaki; Daniliauskas, 2018).

A literatura aponta que os jovens não estão “desinteressados” ou “apáticos” diante da política ou da capacidade de se organizarem politicamente, mas sim desiludidos com a política tradicional feita por meio dos mecanismos tradicionais, como os partidos políticos no sistema eleitoral (Araujo; Perez, 2021). Essa estrutura de representação política é apontada pelos jovens como incapaz de responder às reivindicações apresentadas pela sociedade (Boghossian, Minayo, 2009; Fuks, 2011; Sposito, 2010).

Se a participação dos jovens depende das condições reais para a existência do engajamento dos jovens nos espaços políticos, as perguntas centrais que se colocam são: quais são as circunstâncias sociais, culturais, econômicas e políticas para que os jovens se engajem? Quais são os estímulos do Estado e da sociedade de modo geral para que os jovens participem nos espaços institucionais e não institucionais?

Para tentar respondê-las, deve-se considerar que os jovens se sentem motivados a se envolver em ações coletivas no espaço público, quando tais oportunidades são orientadas por temas de ordem prática e em consonância com suas experiências de vida e de demandas cotidianas, tais como emprego, religião, família, escola (Muxel, 2007; Singer, 2013). De acordo com Carrano (2006, p. 4), “os grupos de orientação religiosa, esportiva, e artísticas constituem o substrato do associativismo juvenil no Brasil de hoje, (...) que articula ações coletivas nem sempre reconhecidas como políticas ou socialmente relevantes”.

Segundo Tomizaki e Daniliauskas (2018, p. 219), um dos motivos para a baixa participação dos jovens pode ser creditada “à falta de espaços e de situações para o exercício e a aprendizagem da vida coletiva e da participação social, experimentação essa que poderia demonstrar aos jovens os resultados concretos das ações coletivas”. Por outro lado, as baixas expectativas levam ao desalento e, por consequência, ao baixo engajamento em ações coletivas.

Portanto, as perspectivas de futuro dos jovens na contemporaneidade tem sido tema importante de discussão no campo de estudos sobre juventude nas Ciências Sociais. Grande parte da literatura toma como ponto de partida o impacto de determinadas mudanças econômicas e sociais nas formas de se vivenciar a experiência da juventude na atualidade.

Um autor que tem há um tempo produzido importantes reflexões a esse respeito é o sociólogo português José Machado Pais (2001), que ao refletir sobre a realidade portuguesa e europeia, afirma que os jovens, de uma maneira geral, estariam cada vez mais imersos em um contexto de incerteza e de crise. Isto porque as trajetórias de vida mais lineares seriam cada vez mais difíceis de serem estabelecidas pelos mais jovens. O autor chega a essa conclusão a partir da análise das mudanças no mercado de trabalho, mas também na constatação do fenômeno do adiamento da saída da casa dos pais ou mesmo em idas e vindas à segurança que o refúgio familiar proporciona, criando as “trajetórias ioiô” (Pais, 2001), definidas por marcadores importantes de passagem para a vida adulta cada vez mais instáveis e incertos; em especial, o casamento e o mundo do trabalho.

No contexto brasileiro, esse cenário de incertezas soma-se de maneira ainda mais intensa com as precariedades da vida pessoal e profissional. Assim, os jovens, principalmente mais pobres, como afirma Corrochano (2014), têm de se virar. Em outras palavras, eles têm de buscar maneiras, as mais diversas, de garantir a sua sobrevivência, com pouca ou nenhuma previsibilidade sobre como ou quando

teriam um trabalho estável, uma casa própria e/ou uma família. Segundo Standing (2013), em análise sobre a precariedade como nova norma das relações trabalhistas, o ingresso no mundo do trabalho pelos jovens cada vez mais ocorrerá com base na ocupação de posições precárias, porém os empregos instáveis e temporários estendem-se também progressivamente para além da juventude e tornam-se a norma da vida adulta.

Os jovens estariam, portanto, passando dos ritos de passagem, que marcariam um ingresso definitivo na vida adulta, para os ritos de impasse, em que não se reconheceria mais tão facilmente quando se daria o início da vida adulta, conforme descrito por Pais (2009). Os ritos de impasse constituiriam o novo processo de formação da juventude contemporânea. Assim, se nas sociedades tradicionais havia rituais de passagem bem marcados que transmitiriam aos indivíduos um novo status, o de adulto, no novo contexto, não apenas tais referências se esvaem, como tal passagem apontaria para algo imprevisível ou mesmo para um futuro assustador. Segundo o autor, isso levaria os jovens a desenvolverem as mais diferentes estratégias para enfrentar esse impasse, seja por um apego a viver o presente intensamente sem pensar no futuro, seja pela adesão total à prática do “se virar” e de aceitar engajar-se precariamente no que aparecer como oportunidade.

Por outro lado, se os marcadores tornam-se cada vez menos claros, por outro, ainda se criam expectativas de etapas ideais para o curso da vida, processo que Pais (2009) identificou como a persistência das normatividades etárias. Em outras palavras, mesmo com as fronteiras entre as fases da vida mais borradas, ainda ocorreria uma grande cobrança para que os indivíduos realizem suas trajetórias dentro de padrões de uma perspectiva etária mais delimitada, com idade ideal para a formação, para o ingresso no mundo do trabalho e mesmo para a constituição de família. Com isso, o que se tem é uma ampliação do impasse e dos dilemas da juventude contemporânea.

Como uma das consequências, os jovens se expõem mais a situações de risco e vulnerabilidade. Le Breton (2012) considera, aliás, que as práticas de risco das juventudes contemporâneas poderiam ser, justamente, uma tentativa de substituir os ritos coletivos de passagem, em crise, por ritos de busca de reconhecimento social mais individualizados. Para o autor, a ausência de ritos mais claramente demarcados de passagem da juventude para a vida adulta promoveria sentimento de excesso de “presentificação”, em que o futuro tornar-se-ia cada vez mais distante. Planejar ou projetar nesse contexto envolve apreender o risco como um cálculo ou como uma tentativa de controle e redução dos próprios riscos. Assim, já estaríamos vivendo em uma sociedade do risco, definida por Beck (2010).

Leccardi (2005) denomina como segunda modernidade a mudança do cálculo do risco para o da imprevisibilidade e da impossibilidade de controle. Se na primeira modernidade o futuro seria aberto, na segunda, o futuro seria de incertezas

e inconstâncias, em que não se conseguiria prever ou controlar os riscos. Esse processo levaria a um alargamento do presente e a uma crise do futuro, apontando para a constatação de que não haveria mais longo prazo. Nesse sentido, prossegue a autora, estaríamos presenciando o esgotamento da ideia de projeto. Assim, a condição juvenil passa a constituir-se a partir do fragmento, do imediatismo e das perspectivas de curto prazo.

Esse cenário de incerteza, certamente, agravou-se com a pandemia de Covid-19 e o processo de distanciamento social, que, dentre outras questões, afastou, ao menos por um período, os jovens da escola, ampliou as dificuldades de inserção dos jovens e a precariedade em geral no mercado de trabalho e, conseqüentemente, implicou o adiamento de projetos de emancipação. Essas conseqüências são mais fortes em jovens com maior vulnerabilidade socioeconômica e, por isso, a hipótese é que haja mais pessimismo nesse grupo.

A noção de vulnerabilidade juvenil faz referência à violação de direitos que restringe o jovem de acessar a cidadania plena. Dessa forma, a dificuldade no acesso à renda e aos bens e serviços públicos faz com que os jovens pobres tenham menos oportunidades do que os de classe alta (Carmo; Guizardi, 2018). Os diferentes estudos sobre as vulnerabilidades juvenis constituem um campo de conhecimento consistente no Brasil (Sposito, 2009; Abramo, 1997; Ribeiro, Macedo, 2018; Rocha, 2020) e na América Latina (Marcial, 2007; Margulis, Urresti, 1996). Parte dessa literatura tem como foco a análise sobre as experiências e vivências juvenis no contexto das periferias das metrópoles brasileiras (Takeiti; Vicentin, 2015).

As diferentes vulnerabilidades que os jovens das periferias vivenciam são determinantes para explicar suas condições de vida, tais como: baixa renda, trabalho degradante, maternidade e paternidade na adolescência, consumo de álcool/drogas, conflitos familiares e mortes (Sposito, 2009; Takeiti, Vicentin, 2015). Sposito (2009) trabalha os conceitos de vulnerabilidades e exclusão como categorias analíticas para compreender a situação dos jovens nas periferias urbanas no Brasil. As vulnerabilidades são termos usados em muitos sentidos: privação material e simbólica, fome, precariedade das condições de trabalho, violência familiar, saúde mental, abuso sexual, etc. como demonstrado por Takeiti *et al.* (2020).

No contexto da pandemia, uma série de pesquisas destacaram o impacto do isolamento social e das incertezas que a crise sanitária gerou entre os jovens. De certa maneira, como demonstram Perez e Vommaro (2023), a pandemia intensificou e explicitou vulnerabilidades sociais que já existiam entre uma parcela considerável dos jovens no contexto brasileiro e latino-americano. Em dossiê sobre essa temática organizado pelos dois pesquisadores supracitados, há muitas reflexões sobre como a pandemia incidiu de maneira desigual na vida dos jovens. Dessa forma, embora todos tenham sofrido o efeito da pandemia, foram os jovens em maior situação de vulnerabilidade os que mais sofreram os seus efeitos, seja pela dificuldade de

acompanhamento das atividades escolares, pela ruptura das relações de sociabilidade ou pela redução de expectativas sobre o futuro. Em pesquisa com jovens estudantes egressos do ensino médio no estado do Rio Grande do Sul, Severo (2023) aponta como as percepções do impacto da pandemia são afetadas pelas experiências de classe social. Segundo esse autor, enquanto os jovens mais pobres narraram dificuldades materiais e de planejamento de projetos de longo prazo, os jovens de estratos mais abastados relataram como principal problema o impacto em suas relações de sociabilidade. Koerich e Mattos (2023), também em pesquisa com jovens estudantes no Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, ressaltam como a condição de classe social, que garantia a inserção em uma escola com maior estrutura para atividades on-line, proporcionava formas diferenciadas de experimentação do tempo social durante a pandemia, modificando assim as expectativas de futuro. De uma maneira geral, percebe-se nas mais diferentes análises que houve um impacto grande na vida dos jovens das diferentes camadas, afetando seus projetos de longo prazo. Para Cerbino, Panchi e Angulo (2023), em análise sobre a realidade equatoriana, os jovens teriam sido os mais impactados pelos diversos efeitos da reorganização social que a pandemia infligiu.

Diante das profundas instabilidades provocadas pelas crises sanitária e econômica, a reflexão sobre como os jovens engendram suas expectativas de futuro é questão fundamental, o que justifica a realização de mais estudos para compreender que fatores e/ou instituições teriam papel importante nesse processo. Apesar da perda de importância das instituições na formação dos indivíduos na contemporaneidade, conforme apontam Beck (2010), Dubet (2006) e Melucci (1998), assume-se aqui, como hipótese a ser testada, que uma instituição, em particular, exercerá grande importância em especial nas representações otimistas sobre o futuro: as igrejas.

Evidentemente, pode-se discutir, reconhecendo em especial a importância das igrejas pentecostais e neopentecostais entre as juventudes populares do Brasil atual, se essa forma de religiosidade não estaria também, em alguma medida, desinstitucionalizada ou atuando em de uma forma muito mais individualizada e privatizada (Berger, 1986). Conforme Jessé Souza (2010), as religiões pentecostais ou neopentecostais estariam bastante associadas às classes populares ou batalhadoras brasileiras, devido, entre outros fatores, à sua capacidade em adaptar-se aos anseios dos moradores das periferias urbanas no Brasil. Por sua vez, Gutierrez (2017) destaca a forma como o mundo evangélico atuaria junto às camadas populares como espaço importante de elaboração de projetos de vida, trabalhando com questões que redimensionariam seus anseios, como a ascensão social pela via do empreendedorismo em contraposição ao trabalho assalariado.

Por fim, outro aspecto que se tornou ainda mais problemático está relacionado à saúde mental dos jovens. Uma pesquisa internacional, realizada com mais de 48

mil jovens em 34 países, apreendeu um declínio global do bem-estar mental dos jovens que se agravou significativamente com a pandemia de Covid-19, principalmente por conta do isolamento social (Mental State of the World, 2022). No Brasil, a pesquisa realizada pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE, 2020) apontou que, entre os diferentes aspectos da vida dos jovens, a pandemia afetou principalmente a saúde emocional. Vazquez *et al.* (2022) ressaltam que rompimento de vínculos e interrupção das principais rotinas de estudo e lazer dos jovens durante a pandemia no Brasil aumentaram os riscos à saúde mental. Dessa forma, espera-se uma associação entre piora no estado emocional e expectativas pessimistas em relação ao futuro, hipótese que também será testada neste estudo.

Em suma, frente às incertezas provocadas pela crise sanitária, quais fatores sociais, econômicos e relacionados à saúde estão associados às expectativas otimistas ou pessimistas dos jovens? Essa é a questão central que norteou essa pesquisa realizada com jovens de Guarulhos-SP durante o período de auge da pandemia no Brasil. Os procedimentos metodológicos e os resultados obtidos serão apresentados nas seções seguintes.

2. Metodologia: desenho do survey, seleção das variáveis e análise dos dados

Utilizou-se dados secundários do *survey* “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”, realizado pela Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura Municipal de Guarulhos. Ao todo, o questionário estruturado contemplou 75 questões. No total, foram obtidas 935 respostas, com adesão espontânea e totalmente voluntária. Deste total, 843 casos foram validados por atenderem os requisitos da pesquisa: ter entre 15 e 29 anos e morar em Guarulhos-SP. A pesquisa foi divulgada pelas redes sociais da prefeitura e pelos meios de comunicações locais, conforme procedimentos descritos no 4º Relatório Analítico do Observatório Municipal de Direitos Humanos (2021).

Considerando que o método aplicado foi não probabilístico, de caráter exploratório, a pesquisa não teve preocupação prévia com o tamanho da amostra. Contudo, considera-se a quantidade de respostas e a sua distribuição bastante satisfatória, abrangendo todas as regiões da cidade e em proporção à distribuição espacial da população. Do total de casos válidos, 47% tinham entre 18 a 24 anos, 30% entre 15 a 17 anos e 23% entre 25 a 29 anos de idade (Observatório Municipal de Direitos Humanos, 2021).

Para este artigo, foram selecionadas duas variáveis dependentes. A primeira corresponde à avaliação do jovem em relação à pandemia, compreendendo duas posições: otimista, quando as respostas foram que “a pandemia irá acabar” ou que

ela “não afeta minha vida”, enquanto a visão pessimista compreende as respostas “estou pessimista” ou “vamos ter que conviver com possíveis efeitos e próximas pandemias”. A segunda variável de interesse é mais direta e deriva do sentimento do jovem “em relação a uma possível situação de pós pandemia no Brasil”, em que as respostas possíveis são: neutro, otimista ou pessimista. Vale frisar que as respostas não eram obrigatórias nos dois casos, o que resultou em casos ausentes (*missing*), iguais a 8 na variável específica sobre a pandemia e 6 na avaliação sobre a situação geral do país.

Ao todo, 11 variáveis independentes foram selecionadas, todas elas categóricas dicotômicas (representadas por 0 ou 1), que podem ser agrupadas em 3 dimensões:

- a) Marcadores sociais – englobam as variáveis gênero, cor/raça, idade e prática religiosa. Em relação ao gênero, além de homem e mulher, a pergunta forneceu as opções não-binário e outro (aberta), contudo a baixa incidência (7 casos, ambas somadas) impediram que estas últimas categorias fossem incluídas em um estudo quantitativo. O mesmo ocorreu com amarelos (8 casos) e indígenas (apenas 1) quanto à cor da pele/raça e, assim, optou-se por apenas 2 categorias: de um lado, brancos e amarelos juntos; de outro, pretos e pardos, já o caso indígena foi considerado como *missing*. A prática religiosa é uma variável dicotômica (sim ou não), que identifica os praticantes, independentemente da religião. Por fim, a variável idade separa menores e maiores de 18 anos.
- b) Aspectos econômicos – representados pelas variáveis dicotômicas: renda familiar maior ou menor que três salários mínimos; se o jovem contribui financeiramente em casa (ou não) e se avaliaram que possuem (ou não) um espaço adequado para estudo ou trabalho em casa.
- c) Situação de saúde – foram identificados casos que tiveram covid-19 em algum momento da pandemia (até a data de resposta ao questionário) e se os jovens que declararam que seu estado emocional piorou durante a pandemia, em contraste com aqueles que afirmam que melhorou ou não houve alteração.

Primeiramente, foram calculadas as frequências de todas as variáveis. Em seguida, buscou-se mensurar a associação entre as duas variáveis dependentes, ou seja, as expectativas futuras em relação à pandemia e à situação do Brasil pós-pandemia. O teste de associação utilizado foi o qui-quadrado. Em função dos resultados, optou-se por destacar o pessimismo como categoria de interesse.

Na análise de regressão, foram realizados primeiramente modelos simples, com todas as variáveis independentes separadamente, a fim de verificar o efeito isolado de cada uma delas. Na sequência, foram construídos os dois modelos de regressão múltipla, os quais consideram a influência das variáveis independentes concomitantemente e, dessa forma, é possível verificar o efeito de cada fator, quando os demais estão controlados. No caso da expectativa futura em relação à pandemia, o modelo é de regressão logística binária, uma vez que a variável dependente é dicotômica (otimista ou pessimista). Em relação à situação do Brasil pós-pandemia, por se tratar de uma questão mais ampla relacionada à conjuntura nacional, optou-se por manter a posição de neutralidade como referência em um modelo de regressão logística multinomial, a fim de verificar os fatores que aumentam ou reduzem as chances de manifestar pessimismo ou otimismo, em comparação com a categoria de referência (neutralidade).

Os resultados foram interpretados pela significância estatística (valor p) e pelo *OddsRatio* (OR), que mede os impactos das variáveis independentes (X) sobre a chance (*odds*) do evento (Y) ocorrer. Os procedimentos para a construção dos modelos de regressão logística e interpretação dos seus resultados estão sintetizados em Fernandes *et al.* (2020). Para verificação de ajuste dos dois modelos, foi utilizado o VIF (*variance inflation factor*) de modo a garantir que não houvesse multicolinearidade, complementada pela análise gráfica e numérica dos resíduos. Foi utilizado o software SPSS Versão 21.0 para a realização destas análises.

Os resultados serão apresentados na seção seguinte.

3. Resultados

Primeiramente, faremos uma análise descritiva das duas variáveis dependentes – expectativas futuras em relação à pandemia e à situação do país pós-pandemia – e da associação existente entre elas. A tabela 1 mostra os valores resultantes deste cruzamento.

Tabela 1 – Resultados do cruzamento entre expectativas futuras em relação à pandemia e à situação do país pós-pandemia, em valores percentuais (N= 834)*, jovens moradores de Guarulhos-SP, 2021.

		Expectativas em relação à pandemia		Total	
		Otimista	Pessimista		
Expectativas sobre a situação de pós-pandemia no Brasil	Neutro	n	70	267	337
		%	20,8%	79,2%	40,4%
	Pessimista	n	25	304	329
		%	7,6%	92,4%	39,4%
	Otimista	n	78	90	168
		%	46,4%	53,6%	20,1%
Total		n	173	661	834
		%	20,7%	79,3%	100,0%

Fonte: Dados primários do survey “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”. Elaboração dos autores.

(*) Excluí 9 casos ausentes, sendo 8 *missing* nas duas variáveis e 1, apenas em relação à situação do país.

As expectativas pessimistas em relação à pandemia correspondiam a 79,3% (661 jovens), enquanto 20,7% se disseram otimistas (173 casos). Em relação à situação do país pós-pandemia, 39,4% (329) dos jovens manifestaram pessimismo, 20,1% (168) estavam otimistas e 40,4% (337) se mantiveram neutros. No cruzamento de expectativas, 79,2% dos jovens neutros em relação ao futuro do país estavam pessimistas em relação à pandemia; entre os pessimistas, 92,4% também estavam pessimistas frente à pandemia; por fim, mesmo aqueles que manifestaram otimismo no cenário nacional pós-pandemia, a maioria (53,6%) se disse pessimista quanto à pandemia. Há forte associação entre as duas expectativas, com elevada significância estatística medida pelo qui-quadrado ($\chi^2 = 101,99$, $gl=2$, $p < 0,001$).

As variáveis independentes selecionadas foram agrupadas em três dimensões: a) marcadores sociais; b) aspectos econômicos e; c) situação de saúde. Na tabela 2, estão colocados os números de casos válidos, os percentuais válidos e as estatísticas descritivas para três variáveis quantitativas.

Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19

Tabela 2 – Análise descritiva das variáveis independentes (N=843)*, jovens moradores de Guarulhos-SP, 2021.

Dimensões	Variáveis	Categorias	N	%
Marcadores sociais	Sexo	Homem	287	34,3
		Mulher	549	65,7
	Cor/ Raça	Brancos	453	53,8
		Negros	389	46,2
	Prática religiosa	Não	416	50,1
		Sim	415	49,9
	Idade	Menos de 18	257	30,5
18 ou mais		586	69,5	
Fatores econômicos	Contribui financeiramente em casa	Não	326	40,3
		Sim	482	59,7
	Ambiente adequado em casa	Não	312	40,2
		Sim	495	59,8
	Faixa de Renda	Até 3 SM	588	69,8
		Mais de 3 SM	255	30,2
Situação de Saúde	Foi infectado	Não	661	78,8
		Sim	178	21,2
	Estado emocional piorou	Não	182	21,8
		Sim	654	78,2

Fonte: Dados primários do *survey* “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”. Elaboração dos autores.

(*) A amostra total possui 843 casos. O número de casos por variável depende dos missings, que variaram entre 0 e 35 casos.

Observa-se que um terço da amostra é de homens e 66%, de mulheres. Quanto à cor/ raça, 54% são brancos, enquanto pretos e pardos somam 46%. Metade dos jovens possuem alguma prática religiosa e outra metade, não. Quanto à faixa etária, 30% é menor de idade e 70% tem mais de 18 anos, com idade média de 20,6 anos. No tocante aos aspectos econômicos, cerca de 60% contribuía financeiramente em casa e 70% dos jovens vivem com renda familiar de até três salários mínimos. Em relação às condições de habitabilidade, 40,2% disseram não possuir um local adequado para trabalhar ou estudar em casa. Por fim, os fatores relacionados à saúde destacam que 21,2% foram infectados pelo coronavírus e 78,2% disseram que seu estado emocional piorou durante a pandemia. Nota-se que todas estas variáveis independentes possuem apenas duas categorias (0 ou 1).

Quais destas variáveis aumentam as chances dos jovens terem expectativas pessimistas ou otimistas? A hipótese central é que os jovens socioeconomicamente mais vulneráveis e que tiveram sua saúde física e mental mais afetada são aqueles(as) com expectativas mais pessimistas. A amostra é bastante diversificada e há indícios fortes de intersecções, a serem testadas na análise multivariada, que definem um perfil mais vulnerável: mulheres, negras, muito jovens, de menor renda familiar, dependência financeira, espaço inadequado em casa e com redes de sociabilidades mais afetadas.

Optou-se pela construção de dois modelos de regressão distintos, ambos com as mesmas variáveis independentes (Tabela 2), mas com diferentes variáveis dependentes: expectativas em relação à pandemia e quanto à situação do Brasil pós-pandemia (Tabela 1). Como a primeira é dicotômica, a técnica mais adequada é a análise de regressão logística binária. Já a segunda variável dependente possui 3 categorias – pessimista, otimista e neutro – sendo analisada por um modelo logístico multinomial, tendo como referência a posição de neutralidade.

A análise dos resultados destacará os fatores explicativos mais importantes, por meio da análise das razões de chances (*OddsRatio* – OR, em inglês) e da significância estatística destes resultados. Dessa maneira, pretende-se identificar que fatores levam a um maior pessimismo durante a pandemia e quais deles aumentam as chances de jovens com certas características pertencerem aos grupos de pessimistas ou otimistas, em comparação com os que se declararam neutros em suas expectativas futuras sobre a situação geral do país.

A Tabela 3 mostra os resultados das análises univariadas e multivariadas para o primeiro modelo, quando a variável dependente é o pessimismo em relação à pandemia.

Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19

Tabela 3 – Resultados do modelo de regressão logística, com análises univariadas e multivariada (N = 722), tendo como variável dependente “pessimismo sobre a pandemia”. Jovens moradores de Guarulhos-SP, 2021.

Dimensões	Variáveis	Ref.	Análise Univariada			Análise Multivariada				
			OR	IC 95% (Min–Max)		p value	OR	IC 95% (Min–Max)		p value
Marcadores sociais	Sexo	Mulher	1,358	0,961	1,918	0,083				
	Cor/ Raça	Negros	0,67	0,479	0,939	0,02				
	Prática religiosa	Sim	0,602	0,428	0,847	0,004	0,572	0,390	0,838	0,004
	Idade	18 ou mais	1,97	1,392	2,787	<0,001	1,535	1,032	2,283	0,035
Fatores econômicos	Contribui financeiramente	Sim	1,362	0,963	1,926	0,081				
	Ambiente adequado	Sim	0,783	0,546	1,121	0,181				
	Faixa de Renda	Até 3 SM	0,601	0,406	0,889	0,011	0,523	0,336	0,812	0,004
Situação de Saúde	Foi infectado	Parcial	1,292	0,841	1,987	0,243				
	Estado emocional piorou	Sim	3,33	2,303	4,816	<0,001	3,810	2,518	5,764	<0,001

Fonte: Dados primários do survey “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”. Elaboração dos autores.

(*) O total de casos na análise multivariada é 722, devido aos *missings* das variáveis independentes.

Na análise univariada, na qual se capta o efeito isolado de cada variável independente, sem considerar os efeitos das demais, cinco variáveis foram significativas ($p < 0,05$). Ser negro, ter prática religiosa e ter renda familiar menor que três salários mínimos diminuem as chances de ter expectativas pessimistas em relação à pandemia. Por outro lado, a piora no estado emocional e ser adulto (maior de 18 anos) são fatores positivamente associados ao pessimismo. Não houve diferença significativa em função do sexo, de ter sido infectado ou do espaço adequado ou não em casa.

A análise multivariada permite avaliar os efeitos destes fatores em conjunto. É comum que algumas variáveis percam sua significância quando controladas pelas demais. Aqui, serão destacados os resultados do modelo final, o qual inclui apenas os fatores que são estatisticamente relevantes ($p < 0,005$). O modelo final de regressão logística múltipla foi bastante significativo ($X^2(4) = 58,895$ $p < 0,001$; R^2 Nagelkerke = 0,123), revelando uma boa capacidade explicativa, tendo em vista a complexidade e a diversidade das razões individuais que levam à formação de expectativas futuras, ainda mais em um contexto de tanta incerteza gerada pela pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo.

Seguindo a ordem dada pelo método *stepwise forward*, o primeiro fator explicativo é o estado emocional, cuja piora aumenta em 3,8 vezes as chances de expectativas pessimistas em relação à pandemia (OR = 0,381, $p < 0,001$), em comparação com aqueles que não foram afetados emocionalmente. Contrariando a hipótese prévia, a renda familiar está associada negativamente, ou seja, jovens com renda familiar de até 3 SM têm quase 50% menos chances de estarem pessimistas em relação à pandemia, (OR = 0,523, $p = 0,004$). Ter uma prática religiosa também foi um fator protetivo, que reduziu em 43% as chances de pertencimento ao grupo de pessimistas (OR = 0,572, $p = 0,004$). Importante notar que estes três primeiros fatores são de dimensões distintas – saúde, econômica e social, respectivamente – o que demonstra que o caráter multicausal do pessimismo em relação à pandemia. Por fim, a maioria aumentou em mais de 50% as chances de pessimismo (OR = 1,535, $p = 0,035$), em relação aos menores de idade.

O segundo modelo é uma regressão logística multinomial, pois a variável dependente “expectativas sobre a situação do Brasil pós-pandemia” possui três categorias: pessimista, otimista e neutro, sendo esta última escolhida como referência, ou seja, as razões de chances (*OddsRatio* - OR) de pertencer aos grupos de pessimistas ou otimistas são em comparação aos jovens que se mantiveram posicionamento neutro. A Tabela 4 apresenta os resultados das análises univariada e multivariada deste segundo modelo, cujas variáveis independentes permanecem as mesmas.

Os efeitos isolados mensurados nas análises univariadas mostram associações positivas e negativas semelhantes às do modelo anterior. Em comparação com o grupo de expectativas neutras, as chances de ter expectativas pessimistas sobre a situação do país diminuem se o jovem é negro e com renda familiar de até três salários mínimos, o que também contraria a hipótese de maior pessimismo entre os mais vulneráveis socioeconomicamente. Nesta mesma direção, possuir espaço adequado em casa para estudo ou trabalho reduz a chance de o jovem pertencer ao grupo de pessimistas. Em contrapartida, a piora no estado emocional está positivamente associada ao pessimismo, o que confirma a hipótese levantada no que tange à saúde. Porém, não há significância estatística sobre o fato de ter sido infectado ou não.

Duas variáveis estão associadas tanto ao pessimismo como ao otimismo. A primeira é a prática religiosa que reduz as chances de o jovem ter expectativas pessimistas e, ao mesmo tempo, aumenta as chances de otimismo entre os jovens, sempre em comparação com aqueles que permaneceram neutros. A segunda é a maioria que está positivamente associada aos dois grupos, isto é, os menores de idade permaneceram mais neutros, enquanto os jovens adultos tiveram suas expectativas alteradas, uma parte prevendo um futuro melhor e outra, pior.

Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19

Tabela 4 – Resultados do modelo de logística multinomial, com análises univariadas e multivariada (N = 725), tendo como variável dependente “expectativas sobre a situação do Brasil pós-pandemia”. Jovens moradores de Guarulhos-SP, 2021.

Dimensões	Variáveis	Ref.	Análise Univariada				Análise Multivariada			
			OR	IC 95% (Min–Max)		p value	OR	IC 95% (Min–Max)		p value
Pessimista	Sexo	Mulher	0,951	0,689	1,312	0,760				
	Cor/ Raça	Negros	0,672	0,495	0,912	0,011				
	Prática religiosa	Sim	0,698	0,513	0,948	0,021	0,700	0,503	0,976	0,035
	Idade	18 ou mais	2,010	1,434	2,817	<0,001	1,982	1,385	2,837	<0,001
	Contribui financeiramente	Sim	0,906	0,661	1,242	0,541				
	Ambiente adequado	Sim	0,669	0,486	0,921	0,014	0,661	0,470	0,931	0,018
	Faixa de Renda	Até 3 SM	0,693	0,500	0,961	0,028	0,614	0,425	0,886	0,009
	Foi infectado	Sim	0,870	0,601	1,259	0,461				
Estado emocional piorou	Sim	2,134	1,423	3,200	<0,001	1,985	1,284	3,069	0,002	
Otimista	Sexo	Mulher	0,888	0,602	1,310	0,548				
	Cor/ Raça	Negros	0,846	0,584	1,226	0,377				
	Prática religiosa	Sim	1,802	1,227	2,646	0,003	1,862	1,230	2,819	0,003
	Idade	18 ou mais	1,509	1,012	2,252	0,044	1,977	1,271	3,075	0,003
	Contribui financeiramente	Sim	0,927	0,630	1,366	0,703				
	Ambiente adequado	Sim	1,302	0,860	1,971	0,212				
	Faixa de Renda	Até 3 SM	1,163	0,763	1,774	0,482				
	Foi infectado	Sim	0,798	0,503	1,265	0,337				
Estado emocional piorou	Sim	0,672	0,447	1,012	0,057					

Fonte: Dados primários do *survey* “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”. Elaboração dos autores.

(*) O total de casos na análise multivariada é 725, devido aos *missings* das variáveis independentes.

O modelo de regressão multinomial múltipla demonstrou boa capacidade explicativa ($X^2(12) = 87,06$; $p < 0,001$; Pseudo R^2 Nagelkerke = 0,124). Quanto às expectativas pessimistas, por ordem de relevância, os jovens que relataram piora no estado emocional (OR = 1,985, $p = 0,002$) e maiores de 18 anos (OR = 1,982, $p < 0,001$) têm o dobro de chances de pessimismo, em vez de pertencerem ao grupo

de neutros. Se a renda familiar for mais baixa (até três salários mínimos) reduz em quase 40% as chances de pessimismo (OR = 0,614, $p = 0,009$), ter um espaço adequado em casa também diminui essas chances em 34% (OR = 0,661, $p = 0,018$). Por fim, a prática religiosa também foi um fator protetivo que reduziu em 30% as chances de pessimismo (OR = 0,700, $p = 0,035$), sempre em relação a permanecer neutro. Na análise multivariada, a variável cor da pele/raça perdeu sua significância estatística.

Já o otimismo entre os jovens teve apenas dois fatores significantes: maioridade e prática religiosa, ambos positivamente associados. Ter mais de 18 anos aumenta em 98% as chances de otimismo (OR = 0,977, $p = 0,003$) e a prática religiosa eleva essas chances em 86% (OR = 0,862, $p = 0,003$), em relação a permanecer neutro. Considerando que a maioridade também aumenta as chances de pessimismo, essa variável parece mais uma tendência de posicionamento dos jovens adultos – em vez da neutralidade, mais comum entre os mais novos – do que um fator explicativo do pessimismo ou otimismo sobre o futuro do Brasil pós-pandemia. Sendo assim, o otimismo se resume a uma questão de fé, diante da dramática situação do país no auge da pandemia.

Estes achados serão discutidos nas considerações finais.

Considerações finais

A pesquisa analisou as expectativas dos jovens moradores de Guarulhos-SP em relação à pandemia e à situação futura do Brasil pós-pandemia. Participaram 843 participantes entre 15 e 29 anos. A coleta foi realizada entre 29 de abril e 15 de maio de 2021, dias após o registro de mais 4 mil mortes por Covid-19 em um único dia e ainda durante a onda mais forte da pandemia no Brasil. Diante da gravidade da situação, cerca de 80% dos jovens estavam pessimistas em relação à pandemia e 20%, otimistas. Quanto ao futuro do país após a pandemia, 40% tinham expectativas pessimistas, outros 40% se disseram neutros e apenas 20%, otimistas.

Nota-se forte associação entre as duas expectativas. Mas, as expectativas em relação à pandemia eram piores. Entre os que estavam pessimistas em relação ao futuro do país, 92% também eram pessimistas diante da pandemia. Mesmo entre os mais otimistas sobre a situação brasileira pós-pandemia, a maioria (53,6%) era pessimista sobre a pandemia. Para além de descrever este quadro, a pesquisa tinha como objetivo verificar as causas destas expectativas futuras.

Para isso, buscou-se identificar fatores associados de três tipos: a) marcadores sociais (gênero, cor/raça, idade e prática religiosa); b) aspectos econômicos (renda familiar, dependência financeira; espaço adequado no domicílio); c) situação de saúde (piora no estado emocional e se o jovem foi infectado pelo coronavírus). Todas

essas variáveis independentes são qualitativas e dicotômicas. A hipótese central era de que os jovens com maior vulnerabilidade socioeconômica e que tiveram sua saúde afetada manifestaram maior pessimismo em relação à pandemia e ao futuro do país. Para testá-la, utilizou-se um modelo de regressão logística binária para as expectativas em relação à pandemia (pessimista versus otimista) e outro modelo de regressão multinomial para as expectativas futuras para o país, tendo como referência a posição neutra.

Quanto à situação de saúde, as expectativas futuras independem do fato do jovem ter sido ou não infectado pela Covid-19. Entretanto, nota-se forte associação com a piora no estado emocional durante a pandemia, que eleva em quase quatro (4) vezes mais as chances de expectativas pessimistas em relação à pandemia e duas (2) vezes mais chances de pessimismo em relação ao futuro do Brasil pós-pandemia, confirmando os efeitos negativos da pandemia sobre a saúde mental dos jovens, tal como tem apontado a literatura. Por exemplo, Vazquez *et al.* (2022) mostram que o tempo de exposição às telas e a inversão do sono (troca do dia pela noite), ambas relacionadas às mudanças nas rotinas dos jovens em função do isolamento social e do fechamento das escolas, estão fortemente associados aos sintomas de ansiedade e depressão durante a pandemia. De acordo os autores, estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em escolas públicas estaduais e municipais, localizadas nas periferias dos municípios de São Paulo-SP e Guarulhos-SP, apresentaram triagem positiva em 10,5% para sintomas depressivos graves e 47,5% para sintomas ansiosos graves. As consequências futuras desta piora no estado emocional não se restringem à formação das expectativas, uma vez que transtornos mentais se mantém estáveis até a vida adulta em mais da metade dos casos, conforme apontaram Lavigne *et al.* (1998), em estudo seminal mais de duas décadas antes à crise do coronavírus.

No que tange à vulnerabilidade socioeconômica, os resultados mostram que os jovens com renda familiar menor que três salários mínimos (70% da amostra) tiveram cerca de 50% menos chances de pessimismo para ambas expectativas, em comparação aqueles com renda acima deste patamar. Por outro lado, ter um espaço adequado em casa (59% da amostra) reduz as chances de pessimismo (em 34%) em relação ao cenário do país, mas não afeta as expectativas em relação à pandemia. Nas análises multivariadas, não houve diferenças por gênero, cor da pele/raça e em relação à dependência financeira dos jovens. Ou seja, as evidências são insuficientes para demonstrar que os mais vulneráveis estavam mais pessimistas.

De acordo com Taiketi *et al.* (2020), vulnerabilidade e risco são tidos como sinônimos pela área da saúde coletiva e psicologia social, quando abordam os eventos estressores motivados pelos próprios jovens/adolescentes e os determinantes sociais e culturais que direcionam para as situações de risco. Diante da impossibilidade de confirmar a relação entre as condições objetivas da vida e as

expectativas dos jovens, recomenda-se a realização de estudos futuros que analisem os determinantes do estado emocional dos jovens, para além dos fatores materiais e da renda.

Dois marcadores sociais se mostraram relevantes nos dois modelos: maioridade e religiosidade. A primeira aumenta em 53% as chances de pessimismo em relação à pandemia, em comparação com jovens menores de 18 anos. Quanto à situação futura do país, a idade adulta praticamente dobrou as chances de pessimismo e de otimismo em comparação com a neutralidade, ou seja, esse grupo se manteve menos neutro, posição mais comum entre os mais novos. Dessa maneira, as incertezas da passagem para uma vida adulta, conforme as reflexões de Pais (2001; 2009) e Leccardi (2005), agravadas agora pelo contexto da pandemia, explicariam o fato dos mais jovens permanecerem neutros, sem condições de projetarem seus futuros. Essa diferença evidencia as pluralidades de experiências das juventudes dentro da própria faixa etária.

Por sua vez, a prática religiosa é responsável pela redução em 43% e 30% das chances de pessimismo em relação à pandemia e à situação do Brasil pós-pandemia, respectivamente. Ela também elevou em 86% a possibilidade de otimismo em relação ao futuro do país, sendo o único fator determinante desse posicionamento, já que a maioria também esteve associada ao pessimismo, conforme já constatado. Assim, apesar da tendência de redução do papel das instituições na formação dos indivíduos na contemporaneidade (Beck, 2010; Dubet, 2006; Melucci, 1998), a religião atuou como uma instituição importante para que os jovens construam perspectivas mais otimistas acerca de seu futuro. Esta constatação poderia ser justificada pelo fato de as religiões pentecostais e neopentecostais terem ampliado cada vez mais sua presença entre as classes populares (Souza, 2010), trabalhando, entre outras questões, justamente com aspectos relacionados às perspectivas de futuro (Gutierrez, 2017).

A partir dos resultados principais deste estudo e em discussão com a literatura sobre o tema, conclui-se que: 1) a piora do estado emocional dos jovens está fortemente associada com as expectativas pessimistas, conforme esperado; 2) observou-se também maior pessimismo entre os jovens com renda familiar maior que 3 salários mínimos em relação àqueles de menos favorecidos economicamente, contrariando esta hipótese prévia; 3) apenas a religião foi motivo para uma minoria manter a fé em dias melhores pós-pandemia, revelando uma influência bastante forte desta instituição na formação das expectativas futuras da juventude.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 73-90, 1997.

*Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de
Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19*

ARAÚJO, R. de O.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Estudos de Sociologia**, v. 26, n. 50, p. 327–349, 2021.

BECK, U. **Sociedade de Risco**. São Paulo: Editora 34, 2010.

BERGER, P. **O Dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1986.

BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. de S. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde e Sociedade**, 18(3), 411-423, 2009.

CARMO, M. E. do; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, e00101417, p. 1-8, 2018.

CARRANO, P. Juventude e participação no Brasil: interdições e possibilidades. **Democracia Viva**, v. 30, p. 3-5, 2006.

CERBINO, M.; PANCHI, M.; ANGULO, N. Juventude equatoriana em uma pandemia: tempo e espaço fraturados. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-12, 2023.

CONJUVE – CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. **Pesquisa Juventudes e a Pandemia de Coronavírus** [Relatório]. Brasília, DF: Conjuve. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/qZVNYA>. Acesso em: 25 mar. 2023.

CORROCHANO, M. C. Jovens no ensino médio: qual o lugar do trabalho? *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (Orgs.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 206-228.

CORSEUIL, C. H. L.; FRANCA, M. A. P. Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempo de crise. *In*: SILVA, S. P.; CORSEUIL, C. H. L.; COSTA, J. S. **Impactos da Pandemia de Covid-19 no Mercado de Trabalho e na Distribuição de Renda no Brasil**. Brasília: IPEA, 2022.

DUBET, F. **El declive de la institución**. Profesiones, sujetos e indivíduos en la modernidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

FERNANDES, A.; FIGUEIREDO FILHO, D. B.; ROCHA, E. C. da; NASCIMENTO, W. da S. Leia este artigo se você quiser aprender regressão logística. **Revista de Sociologia e Política**, v. 28, n. 74, p. 1-20, 2020.

FUKS, M. Efeitos diretos, indiretos e tardios: Trajetórias da transmissão intergeracional da participação política. **Lua Nova**, v. 83, p. 145-178, 2011.

GUTIERREZ, C. **A reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus**. Orientador: Ronaldo Almeida.

2017. 387f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Portal Cid@des – Dados populacionais do município de Guarulhos, Censo 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/guarulhos/panorama>. Acesso em 08/05/2024.

KOERICH, B. R.; MATTOS, M. P. Temporalidades juvenis e impactos do contexto pandêmico. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-12, 2023.

LAVIGNE, J. V.; AREND, R.; ROSENBAUM, D.; BINNS, H. J.; CHRISTOFFEL, K. K.; GIBBONS, R. D. Psychiatric disorders with onset in the preschool years: I. Stability of diagnoses. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 37, n. 12, p. 1246-1254, 1998.

LE BRETON, D. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. **Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais**, v. 37, p. 33-44., 2012.

LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005.

MARCIAL, R. Políticas públicas de juventud en México: discursos, acciones e instituciones. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA. ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 26., 2007. **Anais [...]**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2007. p. 1-34. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-066/1768.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventudes más que una palabra. *In*: MARGULIS, M. (org). **La juventudes más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

MELUCCI, A. **Nomads of the present**. London: Hutchinson, 1998.

Mental State of the World 2021. **Mental Health Million Project**. Sapien Labs, March 15th, 2022. Disponível em: <https://sapienlabs.org/wp-content/uploads/2022/03/Mental-State-of-the-World-Report-2021.pdf>. Acesso em: 15 mai 2023.

MUXEL, A. Les jeunes et la politique. *In*: Perrineau, P. (org.), **La politique en France et en Europe**. Paris: Presses de Sciences Po, 2007, p. 123-153.

OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS DE GUARULHOS. **Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19**. Guarulhos: Prefeitura Municipal de Guarulhos, 2021. Disponível em: <https://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/2021-08/4%20RELATORIO%20DIREITOS%20HUMANOS%20juventude.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2024.

*Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de
Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19*

PAIS, J. M. A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, v.18, n.3, p. 371-381, 2009.

PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001.

PEREZ, O. C.; VOMMARO, P. Juventudes latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-7, 2023.

RIBEIRO, E.; MACEDO, S. 2018. Notas sobre dez anos de Políticas Públicas de Juventude no Brasil (2005-2015): ciclo, agendas e riscos. **Revista de Ciências Sociais. Jovens y políticas públicas en América Latina**, v. 31, n. 42, p. 107-126, 2018.

ROCHA, H. S. **Formação de agenda governamental e políticas públicas**: o caso das políticas de juventude do Brasil e do México. Orientador: Wagner Romão. 2020. 204p. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2020.

SEVERO, R. Reflexos do isolamento social no período pandêmico para juventude. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-11, 2023.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 97, p. 23-40, 2013.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPOSITO, M. P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, v. 36 (n. especial), p. 95-106, 2010.

SPOSITO, M. P. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

STANDING, G. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. A produção de conhecimento sobre juventude(s), vulnerabilidades e violências: uma análise da pós-graduação brasileira nas áreas de Psicologia e Saúde (1998-2008). **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 945-963, 2015.

TAKEITI, B. A.; GONÇALVES, M. V.; OLIVEIRA, S. P. A. S. de; ELISIARIO, T. da S. O estado da arte sobre as juventudes, as vulnerabilidades e as violências: o que as pesquisas informam? **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 3. e181118, p. 1-16, 2020.

TOMIZAKI, K.; DANILIAUSKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro-Posições**, v. 29, n. 1, p. 214-238, jan. 2018.

VAZQUEZ, D. A.; CAETANO, S. C.; SCHLEGEL, R.; LOURENÇO, E.; NEMI, A.; SLEMIAN, A.; SANCHEZ, Z. E. Vida sem Escola e a saúde mental dos estudantes de

*Daniel Arias Vazquez, Heber Silveira Rocha, Lígia Gonçalves
Dall'Ócco e Alexandre Barbosa Pereira*

escolas públicas durante a pandemia de Covid-19. **Saúde em Debate**, São Paulo, v. 46, n. 133, p. 304-317, 2022.

Submetido em: 11/06/2024

Aprovado em: 06/08/2024